



## Telejornalismo, acontecimento e identidade no Globo Repórter e no Repórter Especial

### Newscasting, event and identity in Globo Reporter and Reporter Especial

Denise Tavares

Diretora e professora da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e Doutoranda pelo PROLAM/USP (Programa de Integração Latino-Americana).

E-mail: denise.tavares@uol.com.br

#### Resumo

Ao compartilhar um ritual de recomposição da identidade mediante o resgate de marcos históricos, os programas Repórter Especial, da TV Cultura, e Globo Repórter, da Rede Globo, têm apresentado, entre outras pautas, a compreensão do passado como estratégia para se localizar o presente. No entanto, se esse movimento tem permitido a valorização da memória e da história, por outro lado é necessário discutir como são trabalhadas essas abordagens nas produções jornalísticas da TV, que entrelaçam fundamentos do jornalismo, do cinema documental e da história.

Palavras-chave: Jornalismo audiovisual – Jornalismo e Identidade – Jornalismo e História.

Ao se buscar demarcar no jornalismo televisivo as estratégias editoriais que buscam legitimar a reportagem sobre marcos históricos – os oficiais, ou mesmo os criados pela própria TV<sup>1</sup> –, o que se pretende é refletir sobre um processo que é referência para o próprio conceito de jornalismo de TV. Afinal, o que é certo ou errado na grande reportagem para a televisão? Tal indagação foi pano de fundo para uma pesquisa nascida no âmbito da Universidade, e cujo projeto pedagógico é formar o aluno crítico em relação a uma produção que parece, ainda, não contribuir como poderia para uma das finalidades que justificam o exercício do jornalismo. Em outras palavras, algumas das perguntas subjacentes à pesquisa denominada “Marcos da memória e construção da identidade”, desenvolvida na PUC-Campinas por esta autora, foram: este telejornalismo realmente informa? Abre espaço para que a população conheça as várias faces de um determinado fato? Quando se posiciona, deixa claro que essa é uma “opinião”, e não a

“única verdade”? E mais uma série, margeando essa seqüência, envolvendo, todas, as questões pertinentes ao papel do telejornalismo brasileiro na construção da identidade nacional.

O foco no telejornalismo, por sua vez, encontra-se localizado numa frase-síntese, que gosto muito, de Eugênio Bucci: *o Brasil se vê na TV*. E se revê. A um ponto em que, no percurso da memória nacional, cada vez têm valido mais as releituras apresentadas pela televisão brasileira em relação aos fatos históricos sobre as quais se debruça. Exemplos abundam. Vão das minisséries, passam pelas novelas e batem à porta – sempre aberta – do telejornalismo, em especial de programas que têm como inspiração o Globo Repórter, da Rede Globo, aquele que tem hoje 33 anos de existência. Uma trajetória iniciada por mãos de cineastas, em 1973, patrocinados por uma multinacional, a Shell, e que é, até hoje, um dos campeões de audiência da rede. Um fato encarado pelos concorrentes como modelo a ser seguido. E é.

<sup>1</sup> Como o programa “Brasil Mutante”, produzido pela TV Globo para marcar os 30 anos do Globo Repórter. Essa edição foi base para trabalho de iniciação científica, orientado por mim, na PUC-Campinas, como parte do projeto de pesquisa “Marcos da memória e construção de identidade”, que desenvolvo nesta instituição e do qual este texto é recorte.

Criado em abril de 1973, o Globo Repórter é assistido hoje por cerca de 30 milhões de pessoas (dados do site da emissora). Trabalha com equipe própria de repórteres que, ainda segundo a emissora, grava as matérias – hoje, amarradas tematicamente – com três semanas de antecedência. Dividido em cinco blocos, o programa tem 45 minutos de duração. De acordo com o depoimento do cineasta Paulo Gil Soares<sup>2</sup>, esse programa da Globo tem em sua história uma experiência frustrada de realizar um documentário na Amazônia e, depois, na retomada dessa proposta de produzir documentário na TV, em parceria com a Shell, e que deveria resultar na realização de 24 documentários. Gil acabou dirigindo os três primeiros documentários dessa série: *Arte Popular*, *Testemunho do Natal* e *Como Come o Brasileiro*. Em seguida, Armando Nogueira e Joe Wallach solicitaram a Paulo Gil Soares que coordenasse o projeto e convidasse outros cineastas para realizar os outros documentários.

Esse é um percurso cujo desenrolar muitos hoje conhecem: a Shell não gostou do resultado, cortou, inicialmente, a proposta para, logo em seguida, tirar o programa do ar. Mas, se o patrocinador não aprovou o modelo, o cineasta percebeu que ali havia um filão a ser explorado. Logo, teve a idéia de fazer uma grande reportagem, especial, sobre a Guerra do Vietnã, àquela altura onipresente nos noticiários dos jornais do mundo inteiro, incluindo o Brasil. Aliás, o jornalismo brasileiro já havia tido uma experiência dramática com essa guerra: José Hamilton Ribeiro, um dos melhores repórteres do país, acabara de perder uma perna lá, quando fazia a cobertura do conflito. Eis um gancho que, somado ao material de arquivo, rendeu um

“programa especial”, veiculado às 23 horas de uma sexta-feira, cujo modelo inspirador era nada menos do que a revista *Realidade*, celeiro das grandes reportagens e que mudou a história do jornalismo no Brasil.

Paulo Gil Soares estava certo: a repercussão do programa facilitou sua empreitada em busca de novos colaboradores. Dentre eles, Luis Carlos Maciel, especialista em arquivo. E outros, como João Baptista de Andrade, escaldado pelo “Cinema de Rua”, ou Eduardo Coutinho, vindo do cinema ficcional brasileiro e que, segundo diz, descobriu o potencial do documentário exatamente no Globo Repórter. E ainda Valter Lima Jr, Maurice Copovilla e uma série de cineastas brasileiros, geralmente alinhados no combate à ditadura, vinculados ao cinema direto que o uso do gravador Nagra tornara mais popular, e que encontraram na Rede Globo daquele momento espaço para trabalho. Uma fase que se estendeu até 1983, quando há uma mudança estrutural no formato do programa, em um processo de adequação que deixou o Globo Repórter três meses fora do ar.

Quando o programa volta, Paulo Gil Soares não é mais o diretor, sendo deslocado para dirigir a minissérie *Anarquistas, graças a Deus*. O estilo do programa muda completamente, especialmente a edição, que passa a depender mais de cada repórter. No entanto, deixa a marca de um modelo que irá influenciar documentários produzidos por outros canais, inclusive, os veiculados pela TV Cultura. Apesar de voltar depois à proposta de tema único – substituída com a saída de Soares e só retomada após a saída de Armando Nogueira e Boni –, hoje o programa não apresenta a marca autoral que o caracterizou nos

<sup>2</sup> In [www.mnemocine.com.br/aruanda/paulogil.htm](http://www.mnemocine.com.br/aruanda/paulogil.htm) - entrevista dada a Paula Muniz.



primeiros anos, mas continua sendo, de alguma forma, referência para o tratamento da reportagem na TV.

Não é propósito deste texto discutir a hegemonia da televisão brasileira em relação às outras mídias, que a colocam como foco inexorável para se compreender o país, nem uma política de concessão e uma história colada à Ditadura Militar que, somadas a outros fatores, garantiram à Rede Globo se tornar presente em todo o país. O que se considera fundamental, no recorte definido neste texto, é uma discussão que tem creditado ao jornalismo de TV o argumento da necessidade de alcance massivo, este sim, decorrente da situação da Globo, pois, com a abrangência que tem, a Rede constrói uma linguagem que desvela, cada vez mais, o rompimento das fronteiras nítidas que existem entre o que é ficção e o que é a realidade na imagem eletrônica, ou, também, o que é público e o que deve ficar restrito ao universo privado. Rompimentos e confusões que, no modelo do telejornalismo de grande reportagem, apresenta a história na esteira da recuperação do papel do sujeito, agigantando o indivíduo e ignorando contexto, articulações, vozes. Assim, o singular ganha a dimensão da representação coletiva e reforça a interpretação de que há fatos, dramas; no entanto, não há oportunidade para a reflexão ou possibilidades de mudanças. É uma história, portanto, contada na esteira da falsa hipervalorização do indivíduo. Por isso, vale um especial como o da *Caravana Cruls* ou, narcisicamente, marcar os 30 anos do Globo Repórter apresentando um *Brasil Mutante* e um *Passeio pelo Brasil*.

A história a partir dos indivíduos

*Brasil Mutante e Passeio pelo*

*Brasil* compuseram o programa que foi ao ar em 25 de abril de 2003. Trata-se de uma edição realizada a partir de outras produções do *Globo Repórter*. Sua proposta foi marcar os 30 anos do programa. Tal viés temporal serviu, por sua vez, como mote para mostrar as mudanças ocorridas no Brasil ao longo desse tempo. Para, então, construir essa lógica, foram selecionadas as reportagens que se debruçaram sobre os índios brasileiros; sobre o processo das eleições diretas, com destaque ao papel desempenhado naquele momento por Ulisses Guimarães; sobre as contradições do governo militar em sua pretensão grandiosa de construir a Transamazônica, apontada, pelo programa, como “um imenso fracasso”, e ainda houve espaço para se destacar as previsões equivocadas de 20 anos antes. Fecha essa edição uma reportagem sobre Paulo Coelho, desde os tempos de *bicho-grilo*, na parceria estabelecida com Raul Seixas, até a sua *transformação* em acadêmico imortal. O agora escritor – define o programa – seria uma espécie de “síntese” deste Brasil mutante – uma mutação construída em três décadas e acompanhada, tão de perto, pelo Globo Repórter.

Na outra seqüência, amarrada pelo título *Passeio pelo Brasil*, mantém-se a idéia de recuperar a história do País com fatos pontuais que o revelam. Abre esse bloco a contradição presente nas terras brasileiras, que hoje se observa ser parte integrante de um mundo moderno, globalizado e computadorizado, enquanto abriga, em pontos quase perdidos de sua imensa geografia, situações como as dos descendentes de pomeranos, apresentados como um grupo apegado às suas tradições. O discurso sobre esse grupo que vive no Espírito Santo permite um

destaque em termos de identidade brasileira: *Arcaico, moderno, feudal, contraditório, o Brasil já foi chamado de Belíndia, por misturar o progresso da Bélgica e o atraso da Índia*, garante a locução do Globo Repórter.

Fatos, acontecimentos. E temos a história do país, articulada e ganhando consistência a partir do *off* poderoso do narrador que, somado à credibilidade do apresentador, constrói um painel ou mosaico do país, povoado por personagens sorridentes, trabalhadores – não importa em quais condições – dispostos e felizes pelo local social que ocupam. Não há contradições. Sequer há configurações que permitam delinear, com alguma clareza, a situação real dos personagens. É o jornalismo das generalizações que dá o tom. Uma estratégia cara, corroborada pela linguagem “real” do audiovisual que invade as salas das casas de tantos lares brasileiros mostrando, a seus moradores, quem são.

Sendo, portanto, jornalismo de personagens, basta manter o foco na população brasileira, contrapondo um Brasil “arcaico” ou “antigo”, marcado pelo alto índice de analfabetismo, dívida externa e até Serra Pelada, para se apresentar o outro lado, desta vez, pontuado por conquistas e superações das dificuldades. Nesse eixo, é preciso que a modernidade mutante coloque o país próximo do mundo, em uma construção geográfica imaginária, garantida por uma edição “em paralelo”: vemos a década de 1970 atravessada pela guerra do Vietnã, para, em seguida, revermos a destruição das torres gêmeas. É uma seqüência que localiza no “lá fora” as violências e mortes, justificadas pela apresentação do rock e seu papel contestador. Uma espécie de “nariz de cera” para que, finalmente,

se chegue ao personagem maior do bloco, o cantor Roberto Carlos, apresentado como alguém que se embriagou com a música de Elvis Presley e amou as guitarras, mas que, mutante também, está hoje em outro lugar.

A presença de Roberto Carlos é, por sua vez, o mote para se recuperar o papel da música na construção da identidade brasileira. Temos, então, o marco histórico do Globo Repórter, como o pretexto editorial para lembrarmos de *Mamonas Assassinas* a *Zeca Pagodinho*. Uma sucessão de músicos que inclui Leandro – da dupla Leandro e Leonardo – e até a decadência de Michael Jackson. Há, nessas apresentações, mais uma vez, a dramatização dos fatos, corroborando a leitura emocional e o excesso de sentimentalismo como as garantias da empatia imediata e da solidariedade em torno dos trágicos acontecimentos. O que está inscrito é a vulnerabilidade dos ídolos, a rapidez dos sucessos, as imagens que expressam impasses que os mortais comuns nem sempre conseguem acompanhar, mas que, no processo mórbido da miragem virtual, causa essa espécie de satisfação nem sempre confessável: eles também podem se dar mal.

Na linearidade e rapidez com que os porta-retratos vão se encadeando, há espaço, também, para se alimentar, miticamente, o herói Ayrton Senna, a princesa Diana e o já citado cantor Leandro. Aureolados pela condição de morrerem jovens, perdem a dimensão humana e já não é tão simples questionar suas virtudes, mas apenas enaltecê-las, ampliá-las. Fazem parte do imaginário brasileiro, mesmo que não se saiba muito bem o que fizeram. Assim é feito esse *Passeio pelo Brasil*, como se apresenta, tematicamente, um

bloco da edição. Na outra, o *Brasil Mutante*, a estratégia não é diferente. A linha editorial é apresentar os personagens selecionados, no passado, para, em seguida, mostrar como estão.

Nesse bloco temos a musa dos “caras-pintadas”, um bailarino que, pobre, conseguiu vencer, e outros mais famosos, como a bailarina Ana Botafogo, e um que era famoso e não é mais. Depois, finalmente, os temas são apresentados de forma mais abrangente, em um formato muito próximo das revisões de final de ano, pontuando, alinhando, no mesmo patamar, o analfabetismo, a seleção brasileira, a desnutrição, a poluição de Cubatão. Ao final de cada problema, a constatação de que o Brasil mudou para melhor, além da esperança que transborda de cada depoimento. Eis o balanço-síntese de um país em 30 anos, na ótica da telerreportagem. Não existem políticas públicas claras, não existem responsabilidades sociais. Vivencia-se, apenas, cada situação e cada conquista, mantendo-se, evidentemente, a certeza de que os dias melhores já estão à porta de cada um. É dessa forma que compreendemos a história; é nesse viés que costuramos nossa memória e identidade.

Outra edição que foge desse modelo caleidoscópico de jornalismo na televisão é a que foi veiculada em 16 de janeiro de 2004, batizada de *Uma viagem ao Brasil do século 19*. Inicia-se assim:

*Um sonho modernista: recomeçar tomando o destino nas mãos. Quando Brasília nasceu, havia a esperança de que um novo país fosse nascer com ela. Famosa como epopéia do século 20, a capital do Brasil vem de uma época muito mais remota. A decisão de construir Brasília foi*

*de Juscelino Kubitschek. Mas não foi ele o inventor da idéia. Quase 70 anos antes da chegada dos candangos, um grupo de obstinados aventureiros cruzou o país em lombo de mula para escolher o lugar onde Brasília seria construída. Foi no fim do século 19. A primeira expedição científica documentada com fotografias no Brasil.*

Inscrito na editoria “Aventura”, o programa apresenta a viagem realizada por um grupo de pesquisadores de várias universidades brasileiras que vai refazer o itinerário da missão comandada pelo astrônomo e geógrafo belga Luiz Cruls, em 1892, a pedido do Marechal Floriano Peixoto, então presidente da República. O Globo Repórter estrutura essa edição numa espécie de ir-e-vir no tempo, colhendo depoimentos de personagens ligados diretamente a Cruls, como o seu bisneto, e também de pessoas que hoje moram nas cidades por onde a missão passou. Assim, recupera o prestígio histórico do evento – pois este deixou marcas que repercutem na memória dos moradores até hoje – e justifica a pauta jornalística, resgatando a atualidade e universalidade do tema.

O percurso realizado por Cruls foi de 4 mil quilômetros. O projeto dos cientistas, chamado “Missão Cruls, uma trajetória para o futuro”, consumiu três anos de preparação e pretendeu refazer o percurso do belga. O objetivo, segundo Pedro Jorge de Castro, professor da Universidade de Brasília (UnB), cineasta, idealizador e coordenador do projeto, seria, ao percorrer o trajeto, divulgar o trabalho arrojado do astrônomo e geógrafo, que era amigo pessoal do imperador D. Pedro II e, portanto, um monarquista que a recém-criada República não deixou de lhe reconhecer a competência:

*...Luiz Cruls mudou o arranjo geográfico do País e deixou conseqüências para o cidadão comum. Ele foi buscar e trouxe o futuro do Brasil. Sua expedição foi coroada com a construção de Brasília quase 70 anos depois.*

Não se pode negar que esse é um Globo Repórter que se destaca da maioria dos programas. A pauta, dessa vez, está articulada a um projeto que nasce com o aval da pesquisa científica. Por isso, ao marcar com o título “Brasil do século 19”, já em pleno século XXI, revela este país de contradições, com lugares onde o “tempo” não acompanhou o próprio tempo. Uma paralisia que confirma a pobreza e a miséria próximas demais para continuarem sendo ignoradas. E mostra uma população que é pobre, mas consciente de que sua miséria é a alavanca da riqueza do outro. *É como um ditado que diz: as águas pequenas vão para as grandes. O diamante do garimpeiro pobre vai para as mãos do comprador rico, constata o garimpeiro Valdeci Fernandes* – afirma o áudio do programa. E o público se vê diante de uma população que constata a própria história, identifica sua própria tragédia, confirma o imobilismo da história e... se conforma. Mais de um século e tudo continua no mesmo lugar. Mais de um século e a população sequer fica indignada: apenas continua sonhando com uma riqueza que a “sorte” – Deus sabe – pode trazer...

Nessa expedição não se ignora os vários “brasis” que existem neste Brasil. A população também é protagonista, junto com os cientistas. A memória é acionada e a construção da identidade pauta-se, também, pelas iniciativas de governo. Falta,

ainda, essa lógica. Ao centrar no indivíduo, o Globo Repórter perde, outra vez, a chance de destacar uma estratégia política, do início da República, que poderia ter resultado em um outro país. Cruls fez a sua parte, mas o que o governo da época fez com os resultados desse trabalho? Por que foram precisos 111 anos e uma expedição organizada por universidades para se recuperar essa história? Para se reconhecer o talento de um cientista quase desconhecido? Essas questões não vêm à tona. Reconhece-se, genericamente, a competência da primeira expedição e o programa termina com o resgate da grandeza de Cruls. Estamos, mais uma vez, em um país que precisa de heróis, mas que não reconhece ou sequer aponta o quanto os governos poderiam já ter feito com todo o material que recebeu de uma missão criada por sua (do governo) iniciativa.

Cem anos da abolição, na série “Repórter Especial”, da TV Cultura

A série produzida pela TV Cultura já não existe, no entanto, seu modelo esteve sempre muito próximo ao do Globo Repórter, da TV Globo. A maior diferença é a ausência do apresentador-âncora do programa e a definição clara dos blocos. Mas ali está presente a voz fora de campo, narrando um texto que nem sempre tem conexão direta com a imagem. Ou seja, muitas vezes, a imagem é apenas ilustrativa. O programa apresentado aqui é “Cem anos da abolição”, produzido em 1988, para, óbvio, marcar a data histórica e apresentar como ela é vista pelos negros e como os negros



se vêem hoje. Também, como são vistos. O marco histórico não ignora os historiadores e a pesquisa histórica. Sua construção narrativa tem início com um diagnóstico discutível, já que genérico: a divisão dos negros quanto à data comemorativa, pois a “democracia racial brasileira” também é altamente questionada.

Com a tese principal apresentada, vamos aos argumentos. O primeiro utilizado é a possível “colagem” geográfica dos dois continentes, reconhecida pelos pesquisadores. Ora, se na origem somos um continente só?... E, na seqüência, vários dados históricos da escravidão, tais como a captura dos negros na África, como chegavam ao Brasil etc, são apresentados. Surge, então, a primeira entrevistada. Com 110 anos, Maria de Xangô viveu a escravidão e dá seu depoimento: *...qualquer coisinha se batia no pobrezinho...* A entrevista é curta, como não poderia deixar de ser, mas é o mote para se introduzir outra informação importante: dois anos após a Lei Áurea, os negros representavam 60% da população brasileira.

Esse fato, considerado “alarmante”, mobilizou o governo da época, que estimulou a emigração de asiáticos enquanto só permitia a entrada de negros com a aprovação do Congresso Nacional. Uma estratégia mais bem esclarecida, em seguida, por Kabenguele Munaga, diretor do Museu de Antropologia da USP, negro: foi iniciada uma política de “embranquecimento” da população brasileira, que permitiu ao país, em 1980, apresentar os dados do senso destacando que 54% da população era branca, enquanto 46% era constituída por negros e pardos. Uma avaliação estranha, pois não se sabe onde estão índios e asiáticos, por exemplo.

Os dados que ilustram a crítica do antropólogo têm, como seqüência, o depoimento de Gilberto Freyre, destacando a democracia racial brasileira conquistada por um processo de miscigenação como não houve em nenhum outro país. Tal caminho tem como legado *um novo ser humano e o brasileiro mestiço vence o preconceito porque é miscigenado no sangue e na cultura*, afirma o sociólogo. A esse depoimento segue-se o de Clóvis Moura, que se contrapõe à reflexão de Freire, afirmando que não há democratização, pois a miscigenação não impediu a hierarquização entre os negros. Estes são considerados “melhores” quanto mais distantes, fisicamente, dos traços característicos da raça, em especial, da cor negra.

Nesse ponto, finalmente, o programa traz à tona a voz das pessoas das ruas. Agora, anônimos desmentem a visão otimista (para ser delicada com Freyre) do sociólogo e vão revelando, por brechas, os próprios preconceitos e o quanto se sentem discriminados. Nessa hora, quando se pensa que o programa vai mergulhar nesse processo que lembra bastante o diagnóstico de Fanon em relação aos oprimidos, o narrador retoma a sua palavra e “arruma a casa”: *...não se pode falar em identidade cultural brasileira sem se falar da imensa contribuição dos negros...* – soa a voz, fora de campo, enquanto negros anônimos e famosos ilustram sua fala, em uma edição ágil, com trilha sonora que acelera o ritmo da montagem.

Aqui, mais uma vez, recorre-se à história em busca de personagens ilustres, como Machado de Assis, Cruz e Souza e Lima Barreto, apresentados em “retratos” cobertos por trechos de textos de cada autor, que expõe, de algum modo, a relação que tem com a própria raça.

Machado, como não poderia deixar de ser, é irônico, agradecendo à sua cor o conforto de não ser procurado por políticos. Já Cruz e Souza é trágico, enquanto Lima Barreto é “ilustrado” por um trecho de “Triste fim de Policarpo Quaresma”, reivindicando o tupi-guarani como língua oficial do Brasil. A essa seqüência seguem-se, sempre ilustrando o que o narrador coloca, rápidos trechos de filmes, novelas e outras produções audiovisuais, nos quais o negro é vítima do preconceito de personagens brancos ou, pelo menos, revela ser vítima. E, em seguida, em uma das mais explícitas colocações do preconceito racial no Brasil, o programa apresenta o depoimento do publicitário Enio Mainardi, que assume, com uma franqueza assustadora, nunca colocar um negro em um filme publicitário simplesmente porque negro não vende e assusta os consumidores, incluindo os próprios negros, que, segundo o publicitário, não querem ser negros.

Daí em diante, depois de um intervalo comercial, o programa da TV Cultura enfileira vários depoimentos de personalidades do esporte que narram suas experiências doloridas como vítimas de racismo e a convicção que têm do quanto ele ainda está presente em toda a sociedade, mesmo para pessoas que, como eles, têm destaque nos esportes. Agora, pela primeira vez, o “Cem anos de abolição” mostra, com uma estatística do IBGE, onde há maior concentração da população negra no Brasil, vinculando-a, finalmente, à pobreza e à miséria. No entanto, mais uma vez, a edição passa muito rápido por esses dados e não aproveita a deixa para aprofundar onde, afinal, está a maior consequência do racismo. Ao contrário, faz a opção pelo discurso comum, localizando na arte popular

o espaço privilegiado para o negro, finalmente, vencer.

E dá-lhe, claro, cenas de Carnaval, embaladas por clichês como *a alma da festa é o negro*. Difícil... E, como tentativa de ampliar essa participação dos negros na arte para além da festa do Rei Momo, mostra o funk, uma escritora e Mestre Gama, pintor primitivo, em uma imagem que revela sua casa paupérrima. Para finalizar essa seqüência, entrevista duas irmãs estilistas que assumem sua identidade racial negando-se, por exemplo, a “esticar” o cabelo. Depois, vai à Bahia, o estado considerado mais negro do Brasil e onde a consciência racial é conquistada, quase sempre, via música. Olodum, Gilberto Gil, Ivone Lara, Leci Brandão... Finalmente, na última seqüência do programa, aparece um negro bem-sucedido financeiramente, empresário, que credita a uma postura individual a conquista do seu espaço social. Ele não acredita no que chama de “paternalismo” para mudar a realidade do negro no Brasil. Em seguida, o programa vai a Brasília – lembrem-se, estávamos em 1988, ano da Constituição cidadã – e ali são apresentados os mecanismos legais que tornam o racismo crime inafiançável. E, à pergunta da repórter, que quer saber do deputado negro Carlos Alberto Caó qual é a forma para o negro conseguir sua cidadania, este responde: ação dos movimentos sociais, e não uma ação individual.

História, memória e Identidade

Não por acaso, voz e vida dos personagens escolhidos para representar os marcos históricos,



definidos pelos programas e aqui resumidos, são apresentadas nas suas feições absolutamente positivas e, nesse sentido, desconsidera-se um dos princípios que fazem do jornalismo, jornalismo. Ou seja, na busca pela “objetividade jornalística”, construída historicamente ao longo do século XX, compreendeu-se que a polifonia de vozes seria uma das garantias para legitimar o exercício da profissão. Só que tal multiplicidade, no telejornalismo, está cada vez menos presente. Ao contrário. Pautados por uma trajetória que surgiu nos anos 1970, quando o modelo “Globo Repórter” se configura a partir da presença de cineastas no projeto, o que prevaleceu foi a onipresença do repórter-narrador, articulando um discurso que há muito tem sido questionado pelos documentaristas: o *off*, “voz de Deus”, e seu similar, no telejornalismo, que é o *on* do repórter que tudo sabe, tudo vê, dando sentido ao audiovisual.

É assim que se justifica o gancho da caravana de Cruls, aquele que antecipou Brasília e que é hoje resgatado em sua grandeza pelos cientistas de agora. Há a evidência do país que perpetua sua miséria e a mantém invisível até que ela possa ser percebida na tela da tevê. E, aí, ela já ganha outra geografia: está próxima, mas intangível, pois se mais de 100 anos não foi capaz de mudar, o que poderia modificá-la agora? Como bem apontou Bucci, *O Telejornalismo no Brasil é muito mais dramático do que factual. Organiza-se como ficção, e uma ficção primária: tem suspense, tem lição de moral, tem mocinhos e bandidos, os “do bem” e os “do mal”, como desenho animado de super-heróis* (Bucci, 2005: 49).

Christa Berger, em um breve, mas esclarecedor artigo, discute, a partir de Todorov, a cultura que

irrompe desse jornalismo que tem apostado no reavivamento da memória como linha editorial. Essa estratégia, para a autora, traz uma série de interrogações que não podem ser desprezadas, especialmente porque traz sentidos ao presente. *O jornalismo não transporta a memória pública, histórica ou coletiva de maneira inocente, mas no enlace com um novo acontecimento, a condiciona e acomoda na sua própria estrutura e forma...* (Berger, 2005: 66). Na estrutura e forma criadas pelo Globo Repórter, e significativamente copiadas pelos outros canais, a memória, a história surgem espetacularizadas, funcionando como canais de exaltação. Evitam-se as problematizações do presente. Evitam-se os olhares abrangentes, que cobririam as várias faces dos acontecimentos, incluindo suas raízes e precedentes. A opção pelas efemérides parece, ainda, escolhas pontuais que permitem comemorações vazias, shows, aplausos. Não que não possam existir. No entanto, talvez esteja passando da hora de a televisão brasileira assumir a responsabilidade de exercer o papel que cobizou e que hoje quase lhe é inerente: formadora da identidade do país, com todas as implicações e percalços que tal função impõe. Para finalizar esta breve reflexão, quero fazer uma singela homenagem ao cinema brasileiro – que, ao contrário da televisão no país, luta, ainda, para sobreviver como expressão da cultura –, citando um cineasta que participou ativamente do Globo Repórter e que criou outros programas de telejornalismo, no período mais violento da ditadura militar, os anos 1970:

O povo, tal como nós entendíamos, isto é, a população

majoritária brasileira, mergulhada em suas dificuldades, renda miserável, terríveis problemas de habitação, saúde, educação, transporte, etc, esse povo estava ausente dos noticiários. E nós queríamos recolocá-lo lá, fazer que sua imagem, coincidente com o que pensávamos ser a imagem do Brasil real, ocupasse a tela elitista e ilusória dos aparelhos de televisão. Esse projeto contrastava, muitas vezes de forma até mesmo cômica, com os hábitos do jornalismo, onde predominavam profissionais marcados pela baixa informação, pouco ou nada críticos, viciados na cocaína dos releases e das informações off the record. Para a quase totalidade dos repórteres, o mundo das notícias era suficientemente estreito para não englobar a questão social. O universo-fonte privilegiado eram as autoridades, não aquelas de um jornalismo verdadeiro, mas as autoridades institucionais, de quem os repórteres logo se tornavam íntimos... (Andrade, 2002: 98).

Andrade fala da década de 1970, mas não se exime do risco de apontar o quanto o jornalismo atual continua utilizando o povo apenas como pretexto para ilustrar suas matérias. E é difícil não concordar com ele. Distante de seu papel de protagonista, o povo é revelado quase sempre de forma desqualificada, reforçando uma identidade estereotipada, a-histórica. O povo, nesses programas de jornalismo televisivo, continua, majoritariamente, a ser personagem que precisa de tutela na sua franca ingenuidade e paralisia. E quando é alçado a dono de sua história, de sua voz, como em alguns momentos do Repórter Especial, da TV Cultura, esse som é soterrado pelo discurso oficial, das autoridades e do narrador-repórter, que busca a versão consagrada para

amainar tensões. Tensões que continuam subterrâneas. A questão é: até quando? Um rápido olhar sobre o que está acontecendo com a violência explodindo nos presídios e ruas das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, pode apontar um indicativo muito mais poderoso do que este que diagnosticamos agora.

Tal questão, no entanto, acabou ganhando um novo caminho, que é mais específico, de um lado, mas que não recusou esta discussão, recuperada mediante revisão bibliográfica e filmográfica sobre documentário. Um percurso que revelou as tensões e aproximações da produção fílmica com o jornalismo, e que deixou claro, entre outros pontos, a áspera relação de cineastas documentaristas e pesquisadores do documentário quanto à contribuição do jornalismo ao gênero<sup>3</sup>. Esta foi, portanto, a primeira fase da pesquisa, seguida pelo segundo eixo do projeto, centrado na grande reportagem televisiva. Esta etapa levou ao programa inspirador do modelo adotado majoritariamente no Brasil – o Globo Repórter, da TV Globo – , e ao Repórter Especial, da TV Cultura. Tal escolha pautou-se, por um lado, pelo programa da Rede Globo estar há mais de 30 anos no ar e ser, até hoje, um dos mais assistidos no país. E em relação à produção da TV Cultura, o objetivo foi discutir até que ponto o formato de sucesso criado pela rede de televisão de maior audiência no país<sup>4</sup> seria ou não “copiado” por um canal de televisão estatal que prima em ter, na sua história, a tentativa – muitas vezes, bem-sucedida – de



<sup>3</sup> As principais conclusões em torno dessa convivência estão expressas no *paper* apresentado no III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, em novembro de 2005, denominado “Sobre documentário e jornalismo”.



criação e desenvolvimento de novos projetos e formatos, contrapondo-se às versões de “sucesso” da televisão comercial.

Definidos esses eixos gerais, era necessário um segundo recorte, ainda mais fechado, para o desenvolvimento da pesquisa. Aqui, o que baliza o foco do trabalho é uma trajetória intelectual pessoal afinada com a relação da comunicação com a construção de identidade coletiva, tendo como outro interlocutor a abordagem da chamada “nova história”. Essa inclusão considera como um dos princípios definidores do jornalista o daquele profissional que pode ser classificado, também, de “historiador do presente”, ressalvadas as diferenças metodológicas e técnicas entre os exercícios de cada uma dessas profissões – jornalismo e história. Portanto, o centro das análises deste projeto está nas edições dos programas Globo Repórter e Repórter Especial, que se debruçam sobre fatos históricos, ou os “inventam”, circundando-os como “efemérides” representativas da identidade brasileira.

Não posso também deixar de destacar as discussões que autores como Stuart Hall e Zygmunt Bauman trazem à construção da identidade. Para eles, em especial Hall, o sujeito, que antes construía sua identidade mediante a interação entre o seu eu e o mundo que o cercava, começa a entrar em um processo de “crise de identidade”. Entra em cena, então, o sujeito pós-moderno. É um sujeito conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. *A identidade torna-se uma “celebração móvel”*: formada

e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall,2000:13). Neste percurso, o papel da televisão ganha ainda maior relevância e responsabilidade, à medida que cristaliza interpretações de fatos, nivelando, tantas vezes, na superfície, cada acontecimento e ignorando processos e participações, fabulando a história que é apresentada quase que moralmente, em sínteses que impedem a compreensão do processo histórico.

Por tudo isso, a proposta, ao apresentar e discutir centralmente essas três edições foi, então, a de trazer à tona os projetos editoriais e de linguagem que se dispõem a apresentar uma “leitura” de determinados fatos históricos. Por esse caminho, revelam uma maneira de olhar e apresentar tais acontecimentos, cristalizando, ou não, versões oficiais, e deixando de lado aspectos que esta pesquisadora e outros autores consideram essenciais para se compreender o que aconteceu e o que acontece no país. Neste momento, pautam esta discussão, ainda, elementos alçados à condição de “constituintes” da cidadania plena, na perspectiva da construção de uma sociedade mais justa e democrática que o Brasil atual está longe, infelizmente, de apresentar. Ainda.

Entretanto, apenas para encerrar, é preciso deixar claro que este texto tem apenas a pretensão de estar contribuindo para este vasto campo do jornalismo audiovisual brasileiro, reconhecendo, desde logo, que não há qualquer possibilidade de se encontrar uma “verdade absoluta”. Ao contrário. Cada vez mais, a pesquisa em comunicação tem revelado a premência da somatória de esforços para que seja possível a viabilidade de uma política comum

<sup>4</sup> A Rede Globo domina o mercado brasileiro, mantendo uma média de audiência nacional de sua programação acima de 60%.

a todos que reconhecem a importância essencial dos meios de comunicação em um projeto que pretenda reduzir as drásticas e violentas desigualdades que sobram em nosso continente latino-americano.

#### Abstract

When sharing the recomposition of a identity ritual of the historic rescue, the programs Repórter Especial from Cultura TV and Globo Repórter from Rede Globo have presented, among other guidelines, the understanding of the past as strategy to focus the present. However, if this movement allow the valorization of the memory and the history, in other hand it is necessary to argue as these boardings in the journalistic productions of the TV are worked, that interlaces beddings of the journalism, the documentary cinema and history.

Keywords: Audiovisual journalism - Journalism and Identity – Journalism and History.

#### Bibliografia

ANDRADE, João Batista de. *O povo fala. Um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira*. São Paulo: Senac, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BERGER, Christa. "Proliferação da Memória (a questão do reavivamento do passado na imprensa". In BRAGANÇA, Anibal e MOREIRA,

Sonia Virgínia (orgs). *Comunicação, Acontecimento e Memória*. São Paulo: Intercom, 2005.

BISTANE, Luciana & BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2005.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. 3ª ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

BUCCI, Eugênio (org). *A TV aos 50 – Criticando a Televisão Brasileira no seu Cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

BURKE, Peter (org). *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992.

CANCLINI, Néstor Garcia. *A produção simbólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

DA-RIN, Silvio. *Espelho Partido? Tradição e Transformação do Documentário*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2004.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo*. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). *Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

TEIXEIRA, Elinaldo Francisco. (org). *Documentário no Brasil – Tradição e Transformação*. São Paulo: Summus, 2004.

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1988.



Data do recebimento: 24/08/2006

Data do aceite: 02/10/2006